

**Letras****COMPETÊNCIA DE INTERPRETAÇÃO X CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR E O PROCESSO DE INTERAÇÃO COM OS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO RIO DE JANEIRO.**Por Terezinha Machado<sup>1</sup>*Ideias Chave: EJA, Linguagem, papel do professor*

**E**ste artigo tem como objetivo discutir as dificuldades do aluno da EJA diante da mensagem dos textos trabalhados em sala de aula. Discuto se a linguagem é ou não dificultada pela forma como são escritos: realizo atualmente, uma pesquisa de campo na Escola Municipal Pio X, em turmas de sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental deste segmento, onde estou colhendo dados para serem analisados posteriormente em publicação mais ampla, mas acredito que já posso apresentar aqui neste pequeno artigo alguns elementos que discuta a

ótica dos alunos, buscando refletir sobre o que os impedem de interpretar os textos com maior facilidade.

Algumas hipóteses para a dificuldade demonstrada pelos alunos do EJA na interpretação de textos: seleção vocabular, sintaxe, utilização de metáforas, desconhecimento de termos técnicos, falta ou excesso de imagens, entre outros.

Minha pesquisa no Mestrado mostrou a análise de dados que configuraram o Perfil do Professor do Ensino Supletivo (atual EJA),

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1976), graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1970) e mestrado em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (1989). Atualmente é aluna do Doutorado em Língua Portuguesa pela UERJ, professora da Universidade Cândido Mendes e das Faculdades Integradas Simonsen.

revelado pela categoria “linguagem”. Nela comprovei, pela análise da fala dos integrantes do processo ensino-aprendizagem da EJA, que havia uma rotulação que pesava sobre esta clientela. Grande parte dos entrevistados, de acordo com material gravado e analisado, tinha uma ideia pré-concebida de que o aluno do EJA, em sua maioria, não apresentava condições de aprendizagem. Apontavam causas como: cansaço (pois a maioria trabalhava durante o dia e seguia para a escola noturna), fome (algumas escolas públicas não ofereciam merenda), sono (em virtude de terem que acordar muito cedo para ir ao trabalho) e, sublinhavam um aparente desinteresse por parte dos alunos. Na verdade, cansaço, fome e sono são três situações que levam a maioria das pessoas a aparentar desinteresse. Havia outro complicador, grande parte dos professores também vinha de outra jornada de trabalho, chegando cansado, com fome e sono. Ou seja, professor e aluno da EJA possuem algumas dificuldades em comum.

A Educação de Jovens e Adultos é um sonho que não quero abandonar, apesar de todas as dificuldades, há caminhos que ainda não foram experimentados pelos professores. Felizmente, vejo aumentar o número de profissionais do ensino interessados em pesquisar sobre a EJA com a intenção de colaborar para maior produtividade deste setor de ensino.

A situação da EJA é delicada, em relação ao insucesso dos alunos e acaba por marcar também os professores, alguns colegas ainda marginalizam este segmento do Ensino Fundamental. Muitas vezes senti isto na pele, como professora municipal, estadual e no setor privado, quando me perguntavam em que escolas lecionava, quando falava da escola noturna, percebia um certo preconceito, como se eu fosse menos preparada do que eles, apesar do concurso ser o mesmo e exigir licenciatura plena.

Sobre a pesquisa realizada no Mestrado, apliquei alguns questionários em turmas que lecionava para relativizar a fala dos entrevistados: professores, supervisores pedagógicos e diretores. Uma das questões propostas era que o aluno apontasse que disciplina lhe trazia mais dificuldade para interpretar os textos trabalhados. Aproximadamente, 60% apontou Língua Portuguesa como a mais difícil, seguida pela disciplina de História. Alguns poucos apontaram Ciências e outros, Geografia.

Existe uma diferença bem marcada na condição de comunicação do ser humano, todos falam, mas nem todos possuem a mesma condição na hora de se expressar. Quando trabalhava os textos em sala de aula, fazia, preliminarmente, uma preparação com os alunos sobre o que iríamos ler, o que eles já conheciam sobre o assunto, se conheciam o autor, se já haviam lido algum texto dele,

enfim, procurava dar condições aos alunos para que falassem sobre o texto, antevendo, pelo título sobre o que achavam que seria o desenvolvimento do mesmo. Dessa forma, evitava o que costumo chamar de aplicar uma “interpretação a sangue frio”, pois, sem preparação adequada (contextualização), não se estará fazendo um trabalho de interpretação e nem de construção de conhecimento e, sim, uma avaliação da competência de interpretação.

Um viés importante nesta questão é a forma como o professor entende este tipo de trabalho. A interpretação de um texto literário pode e tem muitas formas de serem lidas. Quando o autor coloca no papel sua ideia e seu texto chega ao leitor há todo um caminho que envolve muitas informações, habilidades, nível de letramento, conhecimento do léxico e estruturas sintáticas que possam levar o aluno a ter uma empatia com o autor em seu texto ou não.

Algumas entrevistas com autores de livros literários mostram que algumas interpretações de seus escritos passam distante de sua intenção inicial. Por isso a importância do professor tratar o texto com maior leveza, sem procurar ser o “dono da verdade”, fato que tanto aborrece o aluno, que na maior parte das vezes quer colaborar, ter voz em sala de aula, muitas vezes cortada pelo conceito de “certo ou errado” que o professor carrega consigo.

A questão do “erro” atinge profundamente o aluno adulto, pois há uma carga subjetiva em nossa sociedade que “é feio errar”. Dessa forma, vejo muitos alunos do EJA desistirem de estudar, convencidos pelos resultados obtidos na escola que estudar não é para eles. Isso não é dito abertamente, mas o aluno vai percebendo que tem algumas lacunas que o impedem de prosseguir no processo ensino-aprendizagem. Após a primeira avaliação, é notório o número de desistentes, uma turma que inicia o semestre com cerca de cinquenta alunos, geralmente, ao final do período letivo, não chega a trinta. Durante a pesquisa de campo, atualmente realizada para o Doutorado em Língua Portuguesa, percebi que diminuiu a matrícula dos alunos da EJA. As turmas costumam ficar entre dezoito e vinte e cinco alunos, no máximo, bem diferente na década de noventa quando fiz a Pesquisa para o Mestrado.

Uma das causas que observei está na grande distância entre a oralidade e o texto escrito. Quando o aluno é convidado a interpretar um texto, suas respostas, geralmente, carregam as marcas da oralidade. Entram aqui algumas especificidades dos alunos jovens e adultos: embora estejam fora da idade escolar, trazem uma bagagem de vida, influências marcantes do falar de seu grupo social. Ninguém pula etapa na construção do conhecimento, todos são falantes, mas nem todos conseguem se expressar bem, tanto oralmente como por escrito. É descabida a

exigência de observar os padrões gramaticais logo no início do Ensino Fundamental, independentemente da idade que tenha o aluno. Criança, jovem ou adulto têm as mesmas dificuldades de aprendizagem, o que muda é a maior vivência, no caso do adulto. Talvez, por falta de um preparo mais específico no Curso de Formação de Professores para quem irá trabalhar com turmas da EJA, o professor entenda que “cobrar” correção gramatical logo no início, irá ajudar seu aluno a se expressar melhor. Desconsidera que o falante da língua materna já possui uma gramática internalizada para construir sua fala e nem sempre a sua lógica encontra-se dentro dos padrões normativos.

Liliana Tolchinsky e Mabel Pipikin, em seu artigo “Seis Leitores em Busca de um Texto”, chamam a atenção para as diferentes maneiras de se ler um texto: “Há leituras intensivas, minuciosas e atentas; há leituras distraídas, seletivas ou verticais. Há leituras silenciosas entre leitores silenciosos ou leitura em voz alta enquanto os outros ficam calados.” Esta forma de se pensar o leitor, em sua relação com o texto, pode representar um universo de possibilidades diferentes de se atingir ao que foi dito pelo autor. Um dos entraves que vejo na aula de Língua Portuguesa, é que muitos Professores são pressionados pela Instituição onde trabalham para que cumpram o Programa. As escolas tendem a ser conteudistas, o movimento de renovação metodológica em relação a um novo pensar

sobre o processo ensino-aprendizagem, envolvendo a construção do conhecimento, tendo o aluno como centro deste processo, ainda enfrenta resistências por parte de algumas escolas e professores.

A questão de como é selecionado o conteúdo programático de Língua Portuguesa pode ser uma dificuldade a mais para o aluno da EJA. Alguns planejamentos partem do pressuposto de que os alunos devem trazer determinados conteúdos que são pré-requisitos e, se o aluno, não recebeu aquele conteúdo ou se não teve a aprendizagem, fica com uma lacuna que dificultará seu desenvolvimento naquela série. Muitas vezes, o Professor percebe essa defasagem e tenta saná-la, mas se julgar que essa demora em cumprir o programa poderá ser cobrada pela equipe pedagógica, acabará por deixar de lado tais dificuldades e tenderá seguir o planejamento. Acompanhar o rendimento da turma e dizer que o Planejamento é flexível é bastante difundido nas escolas, mas na prática, o que se vê, em muitas escolas, é que o Professor que não cumpre o “programa” acaba sendo mal visto.

Há muito que se pesquisar e estudar para que se possa levar ao aluno da EJA uma possibilidade concreta de sucesso no aprendizado da língua. Uma delas centra-se nos critérios existentes para selecionar os textos a serem lidos pelos alunos. Ainda com as autoras Tolchinsky e Pipikin, faz-se a reflexão de que tipo de texto deve ser oferecido

ao aluno: o mais fácil, com vocabulário sem maiores dificuldades, textos literários ou informativos? E como consequência vem a pergunta antiga: o que é um texto literário? E apontam para uma seleção com base numa possível apreciação e aceitação dos alunos: “(...) Escolhemos livros que foram escritos para serem lidos, interpretados, criticados e sentidos, e não para ensinar a ler ou para ensinar a compreensão da leitura (...)”.

É conhecida a ideia de que não forma leitor quem não é leitor. Se não há prazer de ler, como passar como verdade que é um prazer ler? Professores que leem têm mais chances de encantar seus alunos sobre a leitura.

O aluno adulto, que já faz uma leitura de mundo, não consegue suportar um estudo de leitura que seja descontextualizado, precisa ler textos que falem de alguma coisa que tenha conexão com a sua experiência de vida ou que lhe aguce a curiosidade para que possa vencer o cansaço e o sono e trabalhar o texto em sala de aula.

O professor tem que assumir seu papel de mediador entre texto e aluno, não subestimar sua capacidade em vencer obstáculos e chegar a uma leitura mais satisfatória, com uma interpretação que seja aceitável. Dúvidas sempre acontecerão no percurso do aluno-leitor, mesmo quem costuma ler com frequência, que continua seus estudos de forma regular e chega a Pós-Graduação enfrentará algumas barreiras.

Como diz um compositor brasileiro em uma de suas músicas: “Ninguém sabe tudo, ninguém sabe nada!”

A leitura pode ter vários objetivos: obter informação, distração, estudar determinado assunto, entre outros. A leitura é um processo que irá preenchendo lacunas em nosso conhecimento, sempre. Não há verdades definitivas, todas são provisórias, então a forma mais adequada para se manter atualizado é a leitura, seja em livros, revistas, jornais, em sites na Internet, não importa a forma e, sim, o conteúdo que é oferecido.

O Professor precisa estar preparado para intervir de forma positiva na dificuldade de leitura de seu aluno. Reforço o conceito de que a leitura é um processo e, como tal, envolve vários personagens (autor, leitor, mediador, outros leitores), várias ideias e diferentes atribuições de sentido ao texto, dependendo da vivência e da bagagem de conhecimentos de cada leitor.

A importância dada à leitura é básica, assim como a promoção de outras competências de igual importância; falar (expressão adequada a cada situação de fala), saber escutar (quem ouve mais tem condições de aprender mais), escrita (necessidade de colocar no papel ideias concatenadas). As questões linguísticas não se fundamentam apenas na leitura, mas no que ela envolve de conhecimentos importantes na aquisição do saber.

Irané Antunes, uma das autoras que tem se dedicado à pesquisa sobre a aprendizagem da leitura, enfatiza que “(...) ainda falta perceber que uma língua é muito mais do que uma gramática. Muito mais, mesmo. Toda a história, toda a produção cultural que uma língua carrega, extrapola os limites de sua gramática. (...)”.

A questão apontada por Antunes é tão simples de ser entendida e tão difícil de ser colocada em prática. O que costumo ver é o professor utilizar o texto como pretexto para ensinar gramática: classes gramaticais, funções sintáticas, classificação de orações etc.

Algumas vezes o texto nem ao menos é lido antes de se trabalhar a gramática, ou seja, o texto fica como pano de fundo numa aula de Língua Portuguesa, quando deveria ocupar um lugar de destaque. Uma discussão com os alunos sobre o texto poderia aguçar a curiosidade do aluno sobre o mesmo, nesse envolvimento, nessa interação aluno-texto, o Professor tem uma função importante de destacar algumas estratégias utilizadas pelo autor, falar sobre o léxico selecionado, enfim, mostrar por sua atitude frente ao texto que, antes de se valorizá-lo como um celeiro de fatos gramaticais, tem que se olhar a sua tessitura. A contextualização é muito importante para que se possa dimensionar o alcance da mensagem do texto.

Nós, professores de Língua Portuguesa, temos que nos dar conta da função importante

que exercemos na sociedade. É bonito ouvir falar da relevância de nossa profissão na construção da sociedade, permanentemente em mudança. Mas, o que precisamos é assumir algumas atitudes de forma concreta no dia a dia de sala de aula.

Precisamos levar em conta o papel do aprendizado da língua na construção da identidade nacional e na formação da cidadania plena. Sem condição de leitura e escrita não há condição de promoção de desenvolvimento nos grupos sociais. E menor será a chance de vermos nosso país melhorar a qualidade de vida através da tão sonhada melhoria da qualidade em educação.

Em que momento a escola deve parar e se perguntar: - Quem é o leitor que queremos preparar? O Planejamento de uma aula de Língua Portuguesa reflete a realidade do aluno da EJA? O Professor desse segmento tem o perfil de seus alunos? O Planejamento é confeccionado de forma hipotética, “imaginando” o perfil do aluno ao qual se destina? Ou o Planejamento é apenas uma exigência administrativo-pedagógica?

Para o Professor comprometido com a aprendizagem do aluno, este aluno para o qual planejou é real, concreto, tem dúvidas, desconhecimentos, mas possui a matéria-prima para ser trabalhado. É necessário que a escola tenha a consciência que não formará leitor sem a soma perfeita de livro+texto+leitor e que o Professor detém conhecimento sobre as

estratégias de leitura que possibilitarão seu aluno a desenvolver o processo da aquisição da leitura com interpretação.

Voltando ao enfoque dos textos literários, quando inseridos nos livros didáticos, os alunos do EJA sentem-se “desprotegidos”, o seu encaixe numa unidade que, por exemplo, pretenda trabalhar os pronomes pessoais, dependendo da ótica do autor, poderá minimizar toda a beleza e variadas possibilidades deste texto num “armazém” onde se possa comprar os pronomes pessoais. Somente.

Não sou contra o livro didático, pelo contrário, há coleções imperdíveis, que os alunos gostam de trabalhar, entretanto o apelo que faço é sobre a forma de utilizá-los. Não podem ser “os senhores” da aula. Pedir para o aluno abrir o livro na página tal, ler o texto e responder às perguntas de interpretação e depois fazer os exercícios sobre o vocabulário e, finalmente, trabalhar com os exercícios gramaticais empobrece demais a aula de Língua Portuguesa e o aluno fica na impressão que aula de português é assim mesmo: “chata”.

Ler e interpretar representa um objetivo a ser alcançado por todos. Na maioria das entrevistas, se não na totalidade das realizadas pelos canais que têm programação educativa, todas as vezes que vejo adultos analfabetos que voltam à escola para aprender a ler, a resposta é unânime: sentem-se melhor porque estão agora aprendendo algo que é muito importante:

a possibilidade de ler e tirar suas próprias conclusões. Isto dá ao ser humano o que deveria ser um direito respeitado por todos: construir e definir suas ideias, reforçando-as através de aquisição de conhecimento onde quiser, não apenas no livro didático da escola, mas no jornal, na revista, no mural, no outdoor, nos cartazes da rua, enfim, como ensinou Paulo Freire (citação de memória): “Ninguém é analfabeto oral e antes de ingressar na escola, o sujeito já faz a leitura do mundo”.

A postura de um professor deve ser antes de tudo, reflexiva. Não se pode imaginar depois de tantas pesquisas levando em consideração a prática e a teoria que um professor do século XXI deixe de refletir sobre o porquê de suas ações em sala de aula. Precisa-se de uma boa base teórica para desenvolverem-se as teorias que envolvem a Língua, suas normas e suas regras. Mas não há como deixar de lado outro aspecto, talvez mais importante, que é a língua em uso.

Penso que a boa interação entre texto-leitor será feita por um Professor-mediador que tenha conhecimentos advindos da Psicolinguística, da Linguística, da Sociolinguística, da Pedagogia, da Sociologia e da Psicopedagogia Cognitiva, entre outras áreas do conhecimento.

Foram tantos anos de trabalho com alunos jovens e adultos por escolha, não por acaso, pois ninguém se fixa num determinado segmento de ensino se não for por total

afinidade com esse grupamento. Via em meus alunos o olhar da esperança em poder aprender a falar, ler e escrever melhor, eles sentiam que eu acreditava neles, que torcia pelo crescimento e sucesso deles. Acho que foi este o diferencial que me fez, em tantos anos nunca desistir deles, nunca. Uma das lembranças mais marcantes destes alunos, foi de uma turma de alfabetização de adultos que estava sem Professor. Eu estava em função pedagógica, mas resolvi assumir a turma. Foi uma das turmas que tive mais retorno em tudo que levava para a aula. Ao final do semestre, fui surpreendida com uma das minhas alunas escolhida para representar o nosso Núcleo de EJA/Jacarepaguá/RJ, como a aluna mais idosa a terminar, com aproveitamento, a turma de Alfabetização.

A alegria de um aluno que entra com quase oitenta anos numa turma de Alfabetização e obtém sucesso, deixa em nós uma marca que jamais será apagada, a função primordial do Professor é exatamente esta, possibilitar que nossos alunos alcancem um lugar melhor no grupo social.

### **Conclusão**

Finalizo com um fragmento de Irandé Antunes (2012), falando sobre “As armadilhas da rotina da escolarização dos conteúdos” e com uma reflexão que tem motivado minhas pesquisas e atuação docente. Muito do que Antunes coloca em seus livros repercute em

mim como a verdade que vivi em salas de aula da EJA. Nesta comunicação, há alguns parágrafos falei sobre a questão do Professor e o cumprimento do Planejamento, mas:

*Tão importante quanto o cuidado para cumprir esse programa é a postura que pode ser adotada na abordagem de suas questões (...). O Professor que está em sala de aula é também ‘ator’ participante de sua própria vida, da vida de outros falantes, de outros atores do espetáculo verbal!*

Descartar o aluno da EJA através de um ensino que use a aula como um texto de “competência de interpretação” ao invés de incluí-lo numa aula que busque a “construção do conhecimento” é um dos grandes erros que os professores tem cometido neste segmento. Alterar esta perspectiva seria o primeiro passo na tentativa de melhorar os resultados na Educação de Jovens e Adultos.

### **Referências**

- ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro & interação/Irandé Antunes.-São Paulo: Parábola Editorial, 2003-(Série Aula;1).
- \_\_\_\_\_. Língua, texto e ensino: outra escola possível/ Irandé Antunes.- São Paulo: Parábola Editorial, 2009-(Estratégias de Ensino;10).

\_\_\_\_\_.O território das palavras.-  
São Paulo: Parábola Editorial, 2012-  
(Estratégias de Ensino;28).

HENRIQUES, Claudio Cezar. Léxico e  
Semântica: estudos produtivos sobre  
palavra e significação/Claudio Cezar  
Henriques.- Rio de Janeiro: Elsevier,  
2011. Il.-(Português na Prática)

Ler e escrever; compromisso de todas as  
áreas/organizado por Iara Conceição  
Bittencourt Neves... [et al.]-9.ed.-Porto  
Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

TOLCHINSKY, Liliana e PIPKIN, Mabel.  
Seis leitores em busca de um texto. In  
Compreensão de Leitura – A Língua como  
procedimento.-Porto Alegre: Artmed,  
1995.

**Como Citar:** MACHADO, Terezinha.  
*Competência de interpretação x Construção  
do conhecimento: uma análise sobre o papel  
do professor e o processo de interação com os  
alunos da educação de jovens e adultos (EJA)  
no Rio de Janeiro. In: Revista Digital  
Simonsen. Rio de Janeiro, n.1, Dez. 2014.*  
Disponível em:  
<[www.simonsen.br/revistasimonsen](http://www.simonsen.br/revistasimonsen)>